

RESENHA

ENSINANDO LITERATURA: A SALA DE AULA COMO ACONTECIMENTO

Paulo Henrique Raulino dos Santos¹
Charles Albuquerque Ponte²

CECHINEL, André; DURÃO, Fábio Akcelrud. *Ensinando literatura: a sala de aula como acontecimento*. São Paulo: Parábola Editorial, 2022.

Ensinando Literatura: A sala de aula como acontecimento, novo livro de André Cechinel, professor do Programa de Pós-Graduação em Educação e do Curso de Letras da Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), e Fábio Akcelrud Durão, professor Livre-Docente do Departamento de Teoria Literária da Unicamp, se propõe a tarefa de “[...] traduzir para o ensino uma visão da literatura calcada em uma objetividade enfática”. Questionando a aceitação das obras literárias como sagradas ou instrumentos civilizatórios, eles defendem que o *status* de literário não deve ser um predicado, mas algo que surge somente após a exploração da produtividade interna do texto a partir da interpretação e da elaboração. Nos capítulos iniciais, intitulados “Explorando uma concepção de literatura” e “Uma ideia de aula”, Cechinel e Durão apontam para a necessidade de elaboração de um conceito forte de literatura como elemento organizador da aula. Tradicionalmente, haveria três tipos concorrentes de aula de literatura: 1) a *aula escrita* (o professor controla o que é dito a partir de elaboração prévia, cabendo aos alunos apenas uma escuta atenta do conteúdo); 2) a *aula conversa* (cria-se a sensação de que os alunos são agentes ativos em sala,

¹ Professor do Curso de Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco, Unidade Acadêmica de Serra Talhada. Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da referida instituição. Endereço eletrônico: paulohraulinos@gmail.com.

² Professor do Curso de Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, *Campus* Pau dos Ferros, e do Programa de Pós-graduação em Letras da referida instituição. Endereço eletrônico: charlesponte@uern.br.

mas não há garantias da participação de todos ou de que a discordância de ideias não gere entraves no conteúdo), e, por fim, 3) *a aula como primazia da fala orgânica* (o controle é novamente do professor, mas não há a rigidez de um roteiro previamente elaborado). Cada uma delas carregaria empecilhos amenizados somente pela constatação de que o texto não é um artefato de interpretação única, cabendo ao professor organizar a aula menos a partir de propostas metodológicas do que tomando-a como propícia para destacar o caráter processual da interpretação literária. Para tanto, o procedimento inicial dos autores seria a prática do *enquadramento* da obra como ponto de partida. Os livros didáticos, por exemplo, ignoram as características de organismo vivo do texto, um objeto histórico e socialmente variável, escolhendo tratá-lo como um conteúdo comum. O enquadramento, contrariamente, busca localizar no artefato o seu componente mais saliente (a ponta de fio, como os autores nomeiam) para a partir dele desenvolver um processo analítico de crescente complexidade com o auxílio do *close reading*, ou leitura atenta. Uma vez que elementos externos ao texto devem ser utilizados somente como potencializados da produtividade que já é intrínseca a ele, depende do sucesso dessa aplicação a legitimação da crítica literária. Em “Discutindo a bibliografia da área”, terceiro capítulo, são revisadas pesquisas, documentos e livros que refletem ou guiam o ensino de literatura. Em maior ou menor grau, todos têm em comum o fato de dispensarem a elaboração de um conceito forte de literatura, limitando-se ao desenvolvimento de reflexões pedagógicas ou curriculares que, em sua maioria, fletam com perspectivas neoliberais do ensino sobre o pretexto de combater tradições opressoras e instituições elitistas. Mesmo os documentos oficiais responsáveis por guiar a educação do país (BNCC e PCNEM, por exemplo) apontam para a mesma desintegração da área ao posicionarem a literatura no campo amplo dos estudos de mídia, considerando o seu estudo apenas um outro meio de desenvolvimento de com-

petências e habilidades instrumentais. O quarto capítulo, “Práticas de leitura”, sustenta que todo sistema que se propõe fechado ou reprodutível torna-se um elemento indesejado no processo formativo. Especificamente sobre o ensino de literatura, os autores afirmam não ser possível oferecer uma metodologia de entrada que simultaneamente não danifique a própria experiência com o texto. Para eles é mais produtivo apresentar uma alternativa prática a partir da análise de três obras literárias (“A cavalgada”, de Raimundo Correia; *A mulher sem pecado*, de Nelson Rodrigues e “Os três nomes de Godofredo”, de Murilo Rubião) de modo a evidenciar os elementos do trato com o texto, e não etapas metodológicas que organizariam a aula enquanto um objeto estanque. Por fim, em “À guisa de conclusão”, Cechinel e Durão reafirmam a posição inicial de não aceitarem o trato da literatura como dotada de uma substância própria e imutável, ao mesmo tempo em que buscam não relativizar o objeto em favor de uma pluralidade irrefletida — perigosa por arriscar tornar a área dos estudos literários frágil ou pouco conceitual. Ainda que aceitem que ela possa oferecer diferentes tipos de formação, preferem vinculá-la à intransitividade como meio de assegurar uma dimensão não instrumentalizada, identificando as propostas feitas como mecanismos úteis para remover empecilhos do processo educacional. Mais do que pensar meios eficazes de ensino de literatura, seria necessário reafirmar o lugar central da própria leitura do texto literário em sala de aula. O livro ainda oferece como apêndice a palestra “Sobre a irrelevância da literatura hoje”, proferida por Fábio Durão em 2004 no *Colóquio Filosofia, Arte e Educação* na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Araraquara. Partindo da hipótese de que o conceito de formação (*Bildung*) não é mais possível na atualidade, Durão argumenta que a literatura se encontraria igualmente inutilizada por uma sociedade organizada a partir do predomínio da vida administrada. Já não haveria relevância moral, social,

cultural, econômica ou formativa para o texto literário, substituído, em grande parte, pelas novas mídias de comunicação de massa e pelas áreas especializadas. Essa situação, todavia, não se converteria em demérito para a área, mas a posicionaria como um lugar de resistência em uma sociedade que valoriza somente a utilidade. *Ensinando Literatura: A sala de aula como acontecimento* abre uma discussão atual e necessária para a área dos estudos literários ao propor a literatura em sua intransitividade como um instrumento de resistência ao toque alienante da sociedade contemporânea. É verdade que a proposta também transparece elementos de uma concepção utópica da aula de literatura, deixando intocadas limitações formais e humanas que impossibilitam uma efetivação integral do que é apresentado — salas superlotadas de alunos pouco motivados a enfrentar um tão trato rigoroso com texto; cobranças institucionais e sociais pelo cumprimento de um *currículo* engessado, ou mesmo o próprio professor, com carga horária limitada, baixa formação continuada e pouco incentivo de carreira. Ainda assim, os autores evidenciam uma visão que vai além da aula de literatura, oferecendo a possibilidade de repensarmos a própria sala de aula como prática educativa a partir do acontecimento, quando alunos e professores deixam de ser coadjuvantes de um roteiro para se tornarem exploradores do conhecimento.

[Recebido em: 31 maio 2022 — Aceito em: 20 out. 2022]